

O jornalista: uma análise da atuação do profissional em projetos de comunicação e educação¹

Aline Tainá Amaral HORN²

Rosa Maria Dalla COSTA³

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

Resumo

Este artigo apresenta reflexões de uma pesquisa do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Paraná, em estágio inicial de desenvolvimento, que tem como objetivo investigar como o jornalista incorpora a proposta de um projeto de comunicação e educação à sua realidade profissional. O objeto proposto para estudo é o *Televisando o Futuro*, projeto sob a interface televisiva, que atua nesses dois campos: mídia e educação. A metodologia utilizada até o momento esta embasada em pesquisa documental. Para a fundamentação teórica, destacam-se os seguintes autores: Barbero (2014), Citelli (2006), Filho (2002), Soares (2011) e Wolton (2006). Este artigo discorre sobre como o jornalista pode ampliar suas habilidades e até mesmo criar um novo modo de exercer sua profissão em projetos de comunicação e educação, em prol de uma sociedade mais crítica e dialógica.

Palavras-chave: Jornalista; comunicação; educação; televisão

1. Introdução

No cenário atual, diante das novas tecnologias, a reconfiguração nos modos de produzir, operar e por em circulação o conhecimento e a informação é uma realidade – ao mesmo tempo da comunicação e da educação – que esta requisitando mudança no próprio perfil dos profissionais que atuam na área (CITELLI in BACCEGA, 2002, p. 111), entre eles o jornalista.

Diante desta realidade, as organizações de comunicação tem se adequando cada vez mais as novas demandas tecnológicas e potencializado a interação do público com a produção dos conteúdos midiáticos. “Estamos diante de uma mudança na forma de se relacionar com o mundo. As pessoas transitam entre *profiles* anexando fotos, vídeos e

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação da UFPR, e-mail: hornaline@gmail.com

³ Profa. Dra. do Programa de Pós Graduação em Comunicação da UFPR, e-mail: rmdcosta@uol.com.br

outros formatos de imagem, a fim de aproximar seus desejos e construir suas redes de relacionamento” (BAUTZER, 2009, p.51).

Frente ao papel que os veículos de comunicação exercem no mundo contemporâneo, agora com o aporte das novas interfaces tecnologias e sistemas digitais que orientam uma revolução nos diferentes âmbitos da cultura, da história, dos fluxos econômicos, das sociabilidades, etc, “é compreensível que o tema da educação (...) tenha se recolocado numa perspectiva diferenciada e que requisita, de maneira crescente, o estreitamento dialógico com informações e conhecimentos gerados em fontes indiretamente escolares” (CITELLI, 2002, p. 137).

Neste contexto, o papel do jornalista ganha duplo destaque. Além de se ver desafiado a estar continuamente incorporando tecnologias inovadoras a sua realidade, também não pode deixar de adequar à sua prática profissional projetos que propõe a interface da comunicação com a educação, cada vez mais crescentes nas organizações.

A partir da compreensão de que frente às inovações tecnológicas, há na sociedade, novos cenários, “novas sensibilidades” e novos modos de “ser” e “estar”, se percebe uma emergência por novos comportamentos e habilidades profissionais, em especial na atuação dos jornalistas. Portanto, a questão chave deste artigo é embasada em questionamentos relacionados à atuação destes profissionais em projetos que aliam a comunicação com a educação. O jornalista mantém neutralidade, distanciamento e objetividade em reportagens direcionadas a projetos de comunicação e educação, assim como faz nas demais atividades do seu dia a dia profissional? O jornalista pode atuar de forma inovadora em projetos de comunicação e educação ao transformar, adaptar ou até mesmo criar novas interfaces de atuação? Em que momento ele precisa desenvolver novas competências para adequar sua prática profissional em projetos de comunicação e educação? Como lidar com as limitações não somente técnicas para tratar de projetos de comunicação e educação, mas com as pressões de instantaneidade (rapidez da informação), cobranças institucionais, metas, produtividade que a profissão exige? Como podem atuar e cumprir a proposta de projetos de comunicação e educação televisivos sem descaracterizar o meio “televisão”, com sua natureza chamativa, linguagem coloquial e comercial?

Portanto, esta pesquisa, em estágio inicial de desenvolvimento, pretende investigar como o jornalista incorpora a proposta de um projeto de comunicação e educação à sua

realidade profissional. O objeto proposto para estudo é o *Televisando o Futuro*⁴, projeto sob a interface televisiva, que atua nestes dois campos: mídia e educação.

A metodologia utilizada até o momento baseia-se em pesquisa documental. No transcorrer desta investigação, serão aplicados questionários e entrevistas direcionadas aos jornalistas envolvidos no projeto *Televisando o Futuro*, além do acompanhamento presencial nas reuniões de pauta - para a definição dos temas que serão trabalhados nas reportagens do projeto - em fevereiro de 2015, em Ponta Grossa.

Pretende-se, por meio desta investigação, confirmar se o jornalista desenvolve novas competências e inova suas práticas jornalísticas para se adequar em projetos de comunicação e educação; se este profissional agrega as reportagens do *Televisando o Futuro* aspectos formativos/educativos e, entende a proposta de um projeto de comunicação e educação; compreender se o processo de produção da reportagem do *Televisando o Futuro* acontece de forma diferenciada em relação ao conteúdo pautado no dia a dia das organizações de comunicação e, identificar quais são as limitações técnicas do jornalista ao tratar de projetos de comunicação e educação, diante das normas e tradições do Jornalismo, aliadas as pressões institucionais, metas e produtividade.

2. Novos cenários na era da tecnologia

As sociedades contemporâneas são marcadas pelo cenário de contínuos avanços das interfaces tecnológicas, na atual era do conhecimento. “Hoje, a nossa época é ditada pelas regras da convergência e da mobilidade digital integrando pessoas, organizações, nações e mercados na velocidade de um click” (BAUTZER, 2009, p.4).

Além de difundidas, a penetrabilidade das tecnologias ocorre entre as mais diversas faixas sociais e etárias e, assim, “produtos e serviços passam a integrar o cotidiano das pessoas com extrema facilidade, possibilitando inclusão e democratização da informação” (BAUTZER, 2009, p.6).

A inovação tecnológica iniciada há 40 anos, mas progressivamente ampliada e acelerada a partir dos últimos 20 anos, introduziu mudanças inquietantes na cultura

⁴ O *Televisando o Futuro* é um projeto de comunicação e educação desenvolvido pelas emissoras RPC TV e Instituto GRPCOM em parceria com Secretarias Municipais da Educação e Instituições de Ensino Superior. As reportagens produzidas para o projeto são elaboradas pela equipe de jornalistas da RPC TV, os quais são responsáveis pela concepção das pautas, produção da reportagem e edição do material. A proposta é que os alunos assistam as reportagens para a realização de posterior debate em sala de aula e produção de trabalhos (ilustração ou redação) propostos pelos professores, que elaboram, por sua vez, relatórios de práticas pedagógicas de exercícios aplicados.

(FILHO, 1995, p.102). “Devemos reconhecer que a era eletrônica é a quebra de uma tradição, de formas culturais e de hábitos que tiveram seu ponto culminante na televisão do pós guerra” (FILHO, 1995, p.103).

Uma destas grandes mudanças caminha a favor do que Wolton (1999) chama a atenção, de que hoje em dia tudo é, tecnicamente, possível. Para o autor, os sistemas de produção e de transmissão permitem cobrir qualquer acontecimento de um lado ao outro do mundo e informar instantaneamente o resto do planeta. “O sonho de saber tudo acerca de tudo, o mais rapidamente possível, comunicando-o ao maior número possível de pessoas, tornou-se realidade” (WOLTON, 1999, p. 186).

“Na ‘era digital’, a conectividade assume um papel fundamental, por ser capaz de unir, num mesmo espaço virtual, pessoas, players e organizações (...) as empresas de tecnologia estimam que há cerca de 500 milhões de pessoas registradas em redes sociais no mundo” (BAUTZER, 2009, p.27). A chamada ‘gestão digital’ apresenta-se diariamente nas organizações e na vida das pessoas reunindo informação, ferramentas digitais e novas possibilidades de convergência (BAUTZER, 2009, p. 64).

Segundo Filho (1995) a nova era da computação esta instituindo um novo mundo, ou melhor, uma relação totalmente diferente do homem com seu meio e com suas ideias:

Além de alterar o ambiente, o trabalho, as relações sociais e pessoais, ela introduz uma nova lógica, uma nova estruturação do pensamento, que não pode ser desprezada, computadores, semicondutores, microprocessadores, robôs, o uso da fibras ópticas, novas tecnologias utilizadas na educação e os canais de telecomunicação, além de influírem efetivamente no mercado de trabalho, na organização da produção, na sistematização de dados, introduzem uma nova consciência adaptada e ágil para operar esse complexo informacional (FILHO, 1995, p.103).

Para Martín-Barbero (2014) esta revolução tecnológica não afeta apenas individualmente a cada um dos meios, mas produz transformações transversais que se evidenciam na emergência de um ecossistema educativo conformado não só por novas máquinas ou meios, mas por “novas linguagens, escritas e saberes, pela hegemonia da experiência audiovisual sobre a tipográfica e a reintegração da imagem ao campo da produção de conhecimentos” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 66).

Diante disso, as novas tecnologias de comunicação e informação podem ser consideradas como “tecnologias intelectuais”, isto é, como estratégias de conhecimento e

não como meros instrumentos de ilustração ou difusão (LEVY, 1993 apud MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 56).

Por este motivo, pensar a relação entre a comunicação e a educação é indispensável à configuração das sociedades atuais. Para que a relação com o meio de comunicação ganhe espaço é preciso que a escola proporcione não somente um ambiente educacional que permita a sensibilidade, a intuição e o imaginário do aluno, mas que aproveite “(...) a participação do aprendiz na reconstrução crítica da imagem/mensagem, sem perder de vista o envolvimento emocional proporcionado pelo espetáculo televisivo” (PORTO in PENTEADO 1998, p.47).

Portanto, quando se trata da interface Comunicação/Educação, a escola e a mídia funcionam como fatores de unificação e desempenham o papel de difusoras dos valores hegemônicos que formam o consenso indispensável à vida social e, assim difundem normas consideradas comuns a todos em uma sociedade. Por este motivo, “podem ser consideradas como instâncias reprodutoras das estruturas dominantes na sociedade e como produtoras de hegemonia” (BELLONI, 2009, p. 33).

3. Comunicação e Educação: uma aliança possível

Na América Latina, a implantação de projetos na área da educação para a comunicação tornou-se um importante desafio. De modo geral, entre o final dos anos 60 e início dos 70, os projetos educadores para a comunicação implementados no continente diziam mais respeito à escolaridade não formal e se vinculavam a trabalhos realizados junto às camadas populares e adultas (CITELLI, 2002, p. 152).

A preocupação de levar de forma mais sistemática os produtos audiovisuais e as linguagens dos meios de comunicação para as escolas com o sentido de incorporá-los enquanto material a ser estudado também não é recente. “Tanto na Europa como na América do Norte, a discussão do problema remonta há décadas” (CITELLI, 2002, p. 151).

A relação da comunicação com a educação, como campo de aproximação, tem mobilizado os esforços de várias entidades governamentais e não governamentais, como instituições acadêmicas, religiosas, organizações da sociedade civil e movimentos populares. Estas instituições “procuram empreender ações com o objetivo tanto de pesquisar e refletir teoricamente sobre a inter-relação como também de implementar novas

metodologias e práticas capazes de formar competências para a realização de produtos culturais apoiados nas linguagens dos meios” (CITELLI, 2002, p. 153).

Porém, Fonte e Loreiro (2003) afirmam que no Brasil, diante de toda a propaganda que se faz em torno das novas tecnologias na educação, o que se observa é uma brutal contradição:

Enquanto o próprio governo federal divulgava a formação de educadores e crianças por meio de programas específicos veiculados pela TV, os dados (Folha de S. Paulo, 1/5/2000) mostravam que 63 mil escolas (34,5% do total) não dispunham de energia elétrica. Menos de oito em cada cem estabelecimentos de ensino fundamental tinham equipamentos para atividades pedagógicas, como laboratórios de ciências ou de ciências ou de informática. E apenas três de cada cem escolas tinham acesso à internet (FONTE; LOREIRO 2003, p. 48).

Esta realidade é de fato muito preocupante, já que a escola representa um campo de possibilidades e desafios que podem abranger desde o aprendizado de questões operacionais afeitas as novas tecnologias, até a “análise crítica das mensagens de massa, indo à discussão de temas mais complexos como os das variadas significações produzidas pela comunicação na sociedade moderna até o repensar dos próprios modelos didático-pedagógicos” (CITELLI, 2002, p. 153).

Portanto, somente ao assumir os meios como dimensão estratégica da cultura hoje é que a “escola poderá interagir, em primeiro lugar, com os novos campos de experiência surgidos da reorganização dos saberes, dos fluxos de informação e das redes de intercâmbio criativo e lúdico” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 53).

Pode-se afirmar que “(...) o mundo audiovisual está desafiando a escola em níveis mais específicos e decisivos: o da sociedade da informação e o dos novos espaços e formas de socialização” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 65), pois a crescente presença da imprensa escrita, do rádio e da televisão mostra uma nova configuração nos conceitos de ensino-aprendizagem, de educação e de conhecimento (CITELLI in BACCEGA 2002, p. 101).

Assim, é preciso repensar as práticas educadoras no interior de uma nova realidade histórica, “em que os sistemas e processos comunicacionais ganharam papel de principais dinamizadores da sociedade administrada” (CITELLI in BACCEGA, 2002, p. 106). O que se espera do novo desenho educativo formal é o compromisso com um ensino em diálogo

crítico com as realidades comunicacionais e tecnológicas, preocupado em fazer o “aluno aprender a aprender” (CITELLI in BACCEGA, 2002, p. 109).

Porém, é relevante considerar que na área educacional, a introdução das novas tecnologias da informação, em especial a discussão da linguagem imagético-eletrônica, é, geralmente, tratada sob o prisma de juízos avaliativos precários (FONTE; LOREIRO, 2003, p. 41). Por outro lado, considerando o caráter pedagógico-formativo que a mídia ocupa nos dias atuais, Orofino (2008) levanta a seguinte reflexão:

O desafio de ‘meter o bedelho nesta ciranda’ é grande e solícita, na minha compreensão, a nossa capacidade de luta para que as crianças tenham acesso igualitário a essas novas mídias. Não apenas aos meios, mas sim (e fundamentalmente) as mediações, ou seja, a um consumo reflexivo, pautado pelo diálogo, pelo debate social franco, cada vez mais aberto, saudável e democrático (OROFINO, in FANTIN; GIRARDELLO, 2008, p. 125).

Admitir a existência de um diálogo próximo entre comunicação e educação significa constatar que não se aprende/ apreende mais em torno da oralidade primária ou da escrita (CITELLI, 2006, p.163). O conhecimento das linguagens das mídias habilita o aluno, em certa medida, a viver como sujeito e participar num mundo de relações (PORTO in PENTEADO, 1998, p.28).

Para Kaplún (1999) os meios vistos como promotores do diálogo e da participação devem potencializar novos emissores e, por isso considera que o emprego de meios na educação deve ser aplicado crítica e criativamente, em função de um projeto pedagógico, que segundo o autor ultrapasse a racionalidade tecnológica como meios de comunicação e não como simples meios de transmissão.

Assim, atuar no universo da comunicação e educação pressupõe a demanda por uma nova configuração profissional, o gestor de processos comunicacionais em comunicação educação. Cabe a este profissional utilizar seus conhecimentos em ciências da comunicação para diagnosticar problemas e para desenvolver pesquisas e projetos de intervenção que visem à resolução ou superação dos problemas (SOARES; COSTA in BACCEGA, 2002, p. 176).

Sabe-se, atualmente, que os educadores são profissionais que têm “o papel de introduzir a mídia na sala de aula, orientando, por exemplo, estratégias para a utilização didático-pedagógico do jornal, da televisão e da internet no espaço escolar” (COSTA, apud SOARES, 2011, p.54) e, que suas habilidades perpassam pelo magistério (professor da área

de comunicação), consultoria (assessor para projetos de comunicação educativa) e pesquisa (analista e sistematizador de experiências em educomunicação) (SOARES, p. 67, 2011).

Cabe ressaltar que a Educomunicação, reconhecida em 2009, pela Universidade de São Paulo, como um novo campo do saber, interdisciplinar e com certa autonomia em relação aos tradicionais campos da educação e da comunicação, pode levar à ampliação do acesso à cultura e à informação de maneira crítica e autônoma (SOARES, 2011, p.15).

Soares (2011) identifica este novo campo de intervenção social, como:

Conjunto das ações voltadas ao planejamento e implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver *ecossistemas comunicativos* abertos e criativos em espaços educativos, garantindo, desta forma, crescentes possibilidades de expressão a todos os membros das comunidades educativas (SOARES, 2011, p. 36).

Nesta perspectiva, a partir do entendimento que “a educomunicação pode contribuir para a formação e capacitação do professor, permitindo maior interação entre escola e o mundo” (SOARES, 2011, p. 55), perceber o jornalista não somente como produtor de conteúdo midiático, mas também protagonista deste processo de mediação da comunicação com a educação, é fundamental para a elaboração crítica de critérios de leitura dos meios de comunicação.

No entanto, para formar pessoas capazes de transformar a realidade e fazer uma leitura crítica dos meios é necessário primeiro produzir mudanças que respondam aos desafios apresentados pela sociedade de hoje e ao contexto mundial globalizado e de velocidade acelerada, “que trazem impacto sobre as estratégias de aprendizagem e de construção do conhecimento” (LEVY, 1993 apud SOARES, 2011, p.53).

Diante dos diferentes meios de comunicação, entre eles, a televisão, nota-se um imenso trabalho a fazer, em particular, sobre a imagem, a fim de manter muito clara, para o público, a diferença entre imagens da realidade, ligadas à atualidade, imagens de ficção e imagens virtuais. “Hoje em dia, num universo saturado de imagens, o elo entre imagem e verdade já não é direto. A partir do momento em que há uma abundância de imagens, estas já não dizem, naturalmente, ‘a verdade’”(WOLTON, 1999, p. 221).

Neste sentido, muitos autores, desde a década de 1980, entendem a televisão e as novas tecnologias de comunicação como catalisadoras de profundas mudanças subjetivas nos indivíduos (GIRARDELLO, in FANTIN; GIRARDELLO, 2008, p. 132). Por este motivo, estudar os desdobramentos e novas perspectivas do meio televisivo, como

ferramenta colaborativa para a aprendizagem e constituição de *ecossistemas comunicativos*⁵, abre novas possibilidades de constituição de uma identidade embasada na crítica social.

4. Televisão: desdobramentos e novas perspectivas

A televisão é, nos dias de hoje, um dos principais elos sociais da sociedade individual de massas. “É, aliás, igualmente, uma figura desse elo social (...) a televisão é a única atividade partilhada por todas as classes sociais e por todos os grupos etários, fazendo assim o elo entre todos os meios” (WOLTON, 1999, p. 90).

Com uma televisão que se expande e se moderniza sem parar, há uma disputa de paradigmas, “ou a televisão contínua a delimitar o espaço público, ou o espaço público decide, por suas forças legítimas, disciplinar a televisão que o ocupa – e que por vezes o constitui” (BUCCI, 1996, p. 21).

Para Umberto Eco (apud FILHO, 2009) a televisão hoje esta na fase da neotevê e não tem mais nenhuma relação com a antiga, por ele denominada paleotevê. “Aquele televisão do passado era algo que funcionava como meio de ligação entre um acontecimento da rua, da política, da cena criminal e as pessoas em casa. Ela transmitia fatos (...) como ponte de intermediação” (apud FILHO, 2009, p.159). Na nova fase da televisão, ela é autorreferente e, as pessoas não estão mais preocupadas se o fato que esta sendo transmitido na televisão é verdadeiro ou não.

Filho (1995) considera que o telejornalismo é, portanto, um gênero de televisão que “transmite algo muito diferente do que a priori se propõe. Onde deveria haver informação, há encenação; onde deveria haver crítica, há bagatelização; onde deveria haver utilidade pública, há comércio” (FILHO, 1995, p.58). Para o autor, a televisão fascina por outros meios e de maneira mais perspicaz que as demais formas de comunicação, pois “ela introduz uma linguagem diferente, que primeiro atrai o receptor, para depois ser incorporada por ele” (FILHO, 1995, p. 37).

Portanto, a alienação reforçada pela TV só poderia ser quebrada pelo trabalho direto, pela discussão, pelo exercício continuado de reflexão, conduzido por uma ou mais pessoas e

⁵ Segundo Soares (2011), o *ecossistema comunicativo* é um termo utilizado para nomear as ações coletivas que favorecem a expressão, o relacionamento e o debate social.

desenvolvido sistematicamente, ou seja, não somente por educadores (FILHO, 1995, p. 117), mas pelos próprios jornalistas, produtores do conteúdo midiático.

Por este motivo, não é possível fugir ao evidente poder da grande mídia. As palavras postas em circulação “nos/pelos meios de comunicação, graças a sua enorme capacidade de produzir significados, velam e desvelam, constituem e restringem: como num baile de máscaras cobrem, recobrem e descobrem” (CITELLI, 2006, p.176).

Segundo Citelli (2006), a palavra vem resistindo ao tempo:

Entendida em seus múltiplos sentidos, como representação, construção, tecnologia da inteligência – conceito através do qual Pierre Levy (1995) indica um procedimento que traz consigo a capacidade de configurar estágios sociais, dinâmicas culturais, modos de elaborar e distribuir o conhecimento -, a palavra evidencia sua força, importância e significado para organizar as ações humanas, os afetos, as sociabilidades (CITELLI, 2006, p. 38).

Evidencia-se que além da palavra, a imagem, representa outra importante característica da televisão. A partir do mito platônico da caverna, e durante séculos, a imagem foi identificada com aparência e projeção subjetiva, o que a convertia em obstáculo estrutural do conhecimento. “Ligada ao mundo do engano, a imagem foi, por um lado, assimilada como instrumento de manipulação, de persuasão religiosa ou política” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 88).

Não é por menos que a televisão é um meio muito criticado. Além das palavras e das imagens que levam a múltiplas interpretações, tem um caráter imediatista e esta “subordinada a pressões que não pode governar (...)” (BUCCI, 1996, p. 34). “Além de fragmentar e/ou personalizar os fatos ocorridos para transformá-los em notícia, o telejornal altera ainda mais a realidade dos acontecimentos por meio de recursos técnicos e ideológicos” (FILHO, 1995, p.55). Por outro lado, não se pode negar que a televisão agrega vantagem à aprendizagem ao tornar o ensino *significativo* e auxiliar os alunos a vincular “os novos conteúdos a conteúdos fortemente enraizados em sua psique e em sua mente” (FÉRRÉS, 1996, p. 96).

Portanto, o investimento na formação intelectual do jornalista é relevante tanto às organizações de comunicação, quanto as instituições de ensino:

(...) só isso lhes garantiria um aumento da qualidade e da formação do profissional, tornaria o trabalho jornalístico desses profissionais mais respeitado (inclusive diante das hoje tão sofisticadas manobras de

manipulação), consolidaria os bons profissionais no mercado e teria como resultado uma melhora na qualidade das notícias. Só isso também poderia permitir uma certa durabilidade do jornalismo diante da depreciação tecnológica (FILHO, 2002 p. 66).

Diante destas reflexões, vale ressaltar que termos como *neutralidade*, *objetividade* e *imparcialidade*, comuns a realidade profissional dos jornalistas precisam ser revistos com cuidado e parcimônia, já que a atuação destes profissionais diante de multiplataformas tecnológicas e novas formas de interação com o público, requer também o desenvolvimento de novas competências não somente no seu dia a dia profissional, mas também em projetos de comunicação e educação, cada vez mais vigentes nas organizações de comunicação.

5. Análise preliminar da atuação do jornalista em projetos de comunicação e educação

Sabe-se que embora atravessados pelas lógicas do mercado, “os meios de comunicação constituem hoje espaços decisivos da visibilidade e do reconhecimento social” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 106) e, portanto “refletir sobre a heterogeneidade social e cultural não depende somente das ferramentas, mas do trabalho do jornalista” (WOLTON 2006, p.120).

Consequência do processo de informatização da atividade, “fato é que a vida de jornalistas tem se tornado cada vez mais difícil. O trabalho aumentou, o contingente foi reduzido, as responsabilidades se tornaram mais individuais” (FILHO, 2002, p. 56).

Segundo Filho (2002), é difícil caracterizar o “jornalista”. Para o autor, o jornalismo é uma atividade múltipla:

Um jornalismo diário de um grande matutino é muito diferente do jornalismo semanal, de uma revista especializada, de um boletim de assessoria de imprensa ou de um jornal sindical ou de bairro. Mas o canal também difere: fazer notícias para o jornal das 20 horas é diferente de fazer uma reportagem como enviado especial do outro lado do planeta, organizar um documentário, um reality-show, conduzir uma entrevista, e todos estes diferem muito do jornalismo de rádio ou da imprensa escrita. E todos são jornalistas (FILHO, 2002, p. 53).

Somado as múltiplas competências e exigências profissionais, “(...) o trabalho aumentou com as tecnologias: com elas, eles (os jornalistas) se tornaram mais livres, mas mais sobrecarregados” (Charon, 1993, apud FILHO, 2002, p. 77). Sob as novas condições, “a prática de produzir e divulgar notícias (...) opera sob o princípio da rapidez, da redução e racionalização” (FILHO, 2002, p. 147).

Portanto, o desafio da profissão é duplo:

(..) por um lado, a perda de confiança do público que reduziria a legitimidade dos jornalistas (...) por outro lado, a ilusão de que, graças às novas tecnologias, seria possível reduzir o papel dos jornalistas. A prazo, é o estatuto do jornalista, intermediário entre o espetáculo do mundo e o público, que está em causa, na sequência dessa evolução técnica e da crise de confiança do público em relação à profissão. É inútil dizer que uma tal evolução seria catastrófica, tanto para a profissão como para a informação, para o público e para a democracia. Como tenho afirmado já muitas vezes, quanto mais informação, mais comentários e mais opiniões houver, mais a função do jornalista como intermediário para selecionar, organizar e hierarquizar a informação se torna indispensável (WOLTON, 1999, p. 214).

Esta reflexão indica que os jornalistas se encontram em um campo de contradições. Por um lado, as profissões de comunicação estão em contínua expansão, porém não têm a mesma legitimidade que outras profissões, ou seja, “as funções ligadas à comunicação são necessárias, mas não valorizadas” (WOLTON, 2006, p. 104).

Isso leva a crer que a juventude ingressante na profissão encontra hoje uma situação de dupla perplexidade:

(...) de um lado, um campo profissional extremamente mutante, incerto, movediço, tanto do ponto de vista da própria identidade do jornalismo quanto das possibilidades futuras de uma “profissão que não existe”. É uma especialização em profunda mudança, sem que se veja com muita clareza os rumos que são seguidos nas próximas décadas (FILHO, 2002, p. 54).

Para Wolton caberá aos jovens, “ao ingressarem nessas formações, fazer com que os conteúdos evoluam e, sobretudo, perseguir uma reflexão crítica que vai além das ferramentas que lhe são propostas” (WOLTON, 2006, p. 109). Somente assim o papel dos profissionais de comunicação pode levar a “constituição de novas solidariedades e de novos modelos comunicacionais” (WOLTON, 2006, p. 118).

Segundo Mcombs (2009), os conteúdos produzidos por profissionais de

organizações noticiosas refletem um *pseudoambiente* que significativamente condiciona como o público vê o mundo, ou seja, representa “o mundo que existe em nossa mente, imagem frequentemente imperfeita e que esta sempre incompleta em relação vis-a-vis da realidade” (apud WALTER BENJAMIN in MCCOMBS, 2009, p. 44).

Portanto, na tentativa de evitar este *pseudoambiente*, a proximidade e o engajamento do jornalista em projetos de comunicação e educação torna-se primordial para que este profissional adquira um entendimento analítico do projeto como um todo, em suas várias facetas e, possa até mesmo inovar ações da sua prática profissional, ao “(...) pensar em novos formatos e novos conceitos de notícias e apresentação de notícias” (MIDDLEHOFF, 1998 apud FILHO, 2002, p. 162).

Considerações Finais

Frente às inovações tecnológicas, instantaneidade e novas interfaces de interação, o jornalista diante das normas e tradições do Jornalismo se depara com a neutralidade, imparcialidade e objetividade - exigidas pela profissão - e, por outro lado, tem a possibilidade de ampliar suas habilidades e até mesmo criar um novo modo de exercer sua profissão.

Diante da crescente presença de projetos de comunicação e educação nas organizações, o atual desafio do jornalista é incorporar à sua prática profissional projetos como estes, utilizando os recursos de suas respectivas formações, mesmo diante de suas limitações curriculares.

Considerado “um ser muito diversificado, múltiplo, e que jamais a categorização do ou da jornalista dirá muita coisa sobre a profissão, suas mudanças e dilemas” (FILHO, 2002, p. 53), a atuação deste profissional em projetos de comunicação e educação potencializa o seu papel como protagonista do processo de formação crítica da opinião pública, quando passa a contribuir para a constituição de ambientes sociais favoráveis ao diálogo, reflexão e crítica.

Tendo em vista que “(...) comunicar ao outro é reconhecê-lo como sujeito” (WOLTON, 2006, p. 111), entender a atuação do jornalista em projetos que aliam a comunicação com a educação, significa ampliar as possibilidades de constituição de sujeitos reflexivos, rumo a uma sociedade mais crítica e dialógica.

REFERÊNCIAS

BAUTZER, D. **Inovação**. São Paulo: Atlas, 2009

BELLONI, M. L. **O que é Mídia e Educação?** São Paulo: Editora Autores Associados, 2009

BRAGA, J. L. **A sociedade enfrenta a sua mídia**. São Paulo: Paulus, 2006

BUCCI, E. **Brasil em Tempo de TV**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1996

CITELLI, A. **Comunicação e Educação, a linguagem em movimento**. 2. ed. São Paulo: Editora SENAC, 2002

_____. **Palavras, meios de comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2006

COSTA, M. C. C.; SOARES, I. O. **Planejando os projetos de comunicação**. In: BACCEGA, M. A. (org). **Gestão de Processos Comunicacionais**. São Paulo: Atlas, 2002, p.157-176

FERRÉS, J. **Televisão e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996

FILHO, C. M. **A Saga dos cães perdidos**. 2.ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002

_____. **Ser jornalista**. São Paulo: Paulus, 2009

_____. **Sociedade Tecnológica**. São Paulo: Scipione, 1994

_____. **Televisão: a vida pelo vídeo**. São Paulo: Editora Moderna Ltda, 1995

GIRARDELLO, G. **Produção cultural infantil diante da tela: da TV a internet**. In: FANTIN, M.; GIRARDELLO, G. (orgs). **Liga, Roda, Clica – Estudos em mídia, cultura e infância**. Campinas: Papyrus, 2008, p. 127-146

KAPLÚN, M. Processos comunicativos e canais de comunicação. **Revista: Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 5, n. 14, p. 68-75, nov.1999

LOUREIRO, R.; FONTE, S. S. **Indústria Cultural e Educação em “Tempos pós Modernos”**. Campinas: Editora Papyrus, 2003

MARTÍN-BARBERO, J. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014

OROFINO, M. I. **Ciranda de sentidos: crianças, consumo cultural e mediações**. In: FANTIN, M.; GIRARDELLO, G. (orgs). **Liga, Roda, Clica – Estudos em mídia, cultura e infância**. Campinas: Papyrus, 2008, p. 113-126

PENTEADO, H. D. **Pedagogia da comunicação: sujeitos comunicantes**. In: PENTEADO, H. D. (org). **Pedagogia da Comunicação, teorias e práticas**. São Paulo: Cortez, 1998, p.13-22

PORTO, T. M. E. **Educação para mídia/pedagogia da comunicação: caminhos e desafios**. In: PENTEADO, H. D. (org). **Pedagogia da Comunicação, teorias e práticas**. São Paulo: Cortez, 1998, p. 23-50

SOARES, I. O. **Educomunicação- conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011

WOLTON, D. **É preciso salvar a comunicação**. Tradução Vanise Pereira Dresch. São Paulo: Paulus, 2006

_____. **Pensar a comunicação**. Tradução Vanda Anastácio. Miraflores: DIFEL – Difusão Editorial, S.A, 1999. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/69738825/Dominique-Wolton-Pensar-a-Comunicacao>>. Acesso em: 18 jun.2014